

A COMIDA EM ANÁLISE: O VALOR DA “GOROBA”

Bruno Luiz Philip de Lima

Departamento Acadêmico de Formação de Professores – CEFET-RN

Av. Salgado Filho, 1159 Morro Branco CEP 59.000-000 Natal-RN

E-mail: brunoluiz_rn@yahoo.com.br

Maria Isabel Dantas

beldantas@cefetrn.br

RESUMO

Alimentar-se é uma necessidade de todo ser humano. Diariamente ele convive com o processo da alimentação e com isso o alimento/comida, passa a ser uma reprodução do contexto histórico, político e econômico de uma sociedade, pois é a sua cultura que modela todo o caminho pelo qual o alimento percorre desde sua produção até o seu consumo ou não. E é a partir dessa ferramenta de estudos – o alimento – que expressa valores e simbolismos do comportamento e da vida das pessoas, que o presente trabalho se desenvolve em uma análise de quais os significados políticos, econômicos ou sociais que a alimentação que é fornecida no refeitório do CEFET-RN, possui para seus consumidores. Pois diversas pessoas provenientes de variados contextos sociais e por outros variados motivos usufruem dessa alimentação que não é a única da instituição, porém, é a única gratuita. Contudo, a alimentação fornecida no refeitório possui uma representação para cada aluno, os quais, para ela, designam muitas definições e classificações em relação ao papel que aquele alimento possui na vida dele enquanto seu consumidor. Inclusive, para a comida oferecida, já lhe foi atribuída a intitulação de “goroba”. Mais o que vem a ser a “goroba”? Por que essa intitulação? Estes são temas abordados que permeiam o trabalho. Desse modo, através de pesquisas de diagnóstico, entrevistas e análises textuais, desenvolvo uma caracterização dos valores que a alimentação do refeitório representa para seu público de comensais.

Palavras-chave: Alimento, goroba e valores.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Alimento e comida, a categoria em análise.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de campo, com estudo do meio, para falar sobre as relações sociais, de interação, de convivência, entre outras, que ocorrem no entorno da comida que é oferecida no refeitório do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET/RN.

A categoria aqui eleita, como objeto de estudo, será a ‘comida’ pois não é de nosso objetivo travar um embate dos conceitos de alimento e comida, porém a intenção do título da pesquisa conter ou não a palavra alimento, é para que possamos perceber uma sutil diferença entre estes dois termos. Pois no momento em que nosso estudo é focalizado no estudo da interação do homem com esse alimento, nos retiramos o alimento de sua função meramente nutritiva e biológica e o elegemos ao nível de comida.

Com isso a comida vem ser o que o homem ingere. A partir dessas colocações podemos perceber que no momento em que o homem atribui valores, história e significados a comida, ela passa a ser uma reflexão daquilo que o homem é e pensa. Assim, “A comida em análise: o valor da goroba” é também, uma busca de instigar o leitor e pesquisador a olhar com outros olhares para o que comemos, e também uma forma de levá-los a perceber a dimensão que é se falar de comida e o amplo campo de pesquisa que existe em torno desse objeto de estudo que está tão presente na história das civilizações.

Aqui o nosso campo de estudo se limita ao refeitório do CEFET/RN, onde ocorre um fornecimento de refeições que interage com inúmeras variáveis que determinaram as escolhas, a aceitação, o comportamento, os olhares, as idéias e demais determinantes que o homem utiliza no ato de comer.

1.2. A aproximação da comida ao homem

Assim, quando tratamos de estudar sobre o homem e o que ele come, podemos recorrer as palavras de Maria Eunice Maciel, que trata de nos situar sobre essa vivência quando nos diz que muito mais que um ato biológico, a alimentação humana é um ato social e cultural. Mais que um alimento da chamada “cultura material”, a alimentação implica representações e imaginários, envolve escolhas, classificações, símbolos que organizam as diversas visões de mundo no tempo e no espaço (Maciel, 2004).

Nestes pontos citados por Maciel, podemos perceber o quanto a comida fala da sociedade. E que esta, atribui a comida seus pensamentos e passa a reproduzir no que comemos, as realidades que vivenciamos na vida real. Contudo não é só percebendo que a alimentação não é um ato puramente biológico que a colocaremos como ponto de estudo, mas sim tentando entender como e quando é que a alimentação deixa de ser biológica e passa a ser social. Para chegarmos a tal afirmativa, temos que refletir a relação existente entre o alimento e a cultura. Será que o homem é um objeto da natureza? Será que ele vive condicionado pelo meio em que habita?

As perguntas acima elaboradas, vêm nos dizer que hoje podemos nos vislumbrar com a hierarquia existente entre homem e natureza. E nessa hierarquia, a todo o instante o homem age sobre a natureza e a modifica, se sobrepondo a ela. Sendo assim, o ser humano é um agente transformador. E nesse processo de transformação ele deixa um pouco de si nos seus produtos. E a comida é um produto onde o homem deixa suas marcas, pois o ato de comer não acontece por acaso. Existe toda uma intenção quando comemos e todo um contexto que nos coloca nas situações onde iremos comer.

Enfim, podemos dizer que quando o homem produz cultura, ele transforma e atribui ao meio e a si mesmo seus valores. Desse modo, quando o homem lida com a comida, que é algo em que ele imprimiu seus pensamentos, colocou seu simbolismo e crenças, o homem não está fazendo nada mais do que elevando a comida ao patamar de uma expressão cultural. E é através dessa produção de cultura que a comida adquire identidade, peculiaridades e particularidades que fazem dela, algo valioso.

Por tanto, falemos agora da nossa análise sobre a citada comida, como ocorreu, quais os nossos objetivos, quais os resultados alcançados e descreveremos esse âmbito de tratamento para com a comida enquanto objeto central de um relacionamento e acontecimento social

Todos os dados e informações coletadas seguiram as seguintes metodologias de pesquisa: entrevistas e pesquisa bibliográfica.

As entrevistas foram feitas a alunos e a funcionários que possuem envolvimento com o refeitório. Entre as nossas entrevistas que foram um total de 16 (dezesseis), feitas aleatoriamente, sendo 08 (oito) realizadas no turno vespertino e 08 (oito) no turno matutino, 25% foram funcionários, e 75% foram alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.2. Breve histórico

O CEFET/RN é uma instituição federal de ensino que nesse ano de 2006 completou 97 anos de existência. Desde o início de sua existência, por variados motivos, mas principalmente por abarcar grande parte de estudantes de outra região, o CEFET dispõe de um serviço de alimentação para os alunos.

A instituição já viveu seus dias em que seus alunos eram semi-internos, com isso eles passavam quase o dia inteiro usufruindo dos serviços da antiga escola industrial, como era conhecida.

Nessa época, esse apoio alimentar ao estudante, possui características bem diversas das que possui hoje. O alimento fornecido na instituição vinha diretamente de Brasília-GO, e era feito de forma imposta, pois os alimentos que compunham esse cardápio eram diferentes das comidas locais. Isso fazia com que essa alimentação fosse mal aceita pelos alunos.

Há vinte anos atrás, surgiu merenda escolar na instituição. A partir daí a alimentação passava pela supervisão de um profissional nutricionista. Nesses vinte anos, a forma com que essa alimentação chegou aos alunos, ocorreu de diversas maneiras. Existiram momentos em que a alimentação era fornecida gratuitamente para os alunos, momentos em que cobrou-se uma taxa de R\$ 2,00 (dois reais), momentos em que existiram cotas limitadas e momentos em que esse número era aberto.

2.3. Dias atuais

Hoje, o sistema de alimentação, resumidamente, ocorre dessa maneira:

- A alimentação é fornecida para uma cota de 200 alunos;
- a comida é preparada por uma empresa terceirizada;
- os alunos têm acesso a essa comida gratuitamente;
- só são contemplados com a refeição, os alunos bolsistas que julguem precisar dessa refeição e os alunos de baixa renda que são selecionados pelo setor de serviço social da instituição;
- a alimentação servida é o almoço e o jantar.

Dessa forma, observamos que existe um conjunto de fatores que irão direcionar queira usufruir dessa alimentação. Contudo, sabemos que apesar dos que comem lá, possuem esse padrão de classificação citado acima, que os insira no programa de alimentação, esses personagens são diversificados, possuem valores diferentes, advém de diferentes realidades sócio-econômicas e são fruto de culturas locais variadas.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A pesquisa

O objetivo de nossos estudos é descobrir os valores que a comida oferecida no refeitório, tem para os alunos que usufruem dela.

Curiosamente, a comida fornecida no refeitório possui um apelido e é intitulada de “goroba”. Essa expressão é uma abreviação de gororoba, que segundo o conhecimento popular significa uma comida ruim, feita de qualquer jeito. Mas na realidade será esse o significado que a goroba do CEFET/RN possui?

A primeira pergunta da entrevista se referia ao motivo pelo qual o aluno comia lá no refeitório. Todos os entrevistados bolsistas afirmaram que uma vez ou outra, poderiam comer em outro lugar, porém isso ficaria inviável devido ao tempo que levariam, a ao custo que isso teria.

Quando tratamos de refletir sobre se era bom almoçar lá no refeitório levando em consideração os aspectos gerais de ambiente, atendimento, gosto da comida e comportamento dos alunos, os entrevistados tiveram uma opinião de que era bom almoçar lá, contudo, em média 16% (02) dos entrevistados afirmaram que não gostavam do atendimento e da comida, mas em relação aos outros alunos e ao ambiente, destacaram que era bom.

Depois, os entrevistados disseram o que achavam da comida. Nesse aspecto, 75% a classificaram como boa e ótima, e 25% a classificaram como regular e ruim. Os que disseram que a comida era boa justificaram dizendo que o que comiam em casa, comiam lá também e que essa comida era condizente com a comida que é tradicional em nosso estado e salientaram o grande valor nutricional que ela tinha. Os que classificaram a comida como ruim, afirmaram que a comida não tinha gosto bom, era feita sem nenhuma higiene e destacaram a falta de direcionamento para um público vegetariana. Apesar disso, todos os que trataram de denunciar a higiene, nunca visitaram as instalações internas de preparo do alimento e disseram que essa é a impressão que eles têm.

Antes de comerem pela primeira vez lá no refeitório, os alunos disseram que ouviam falar em comer na goroba e criavam a impressão de que essa comida era ruim. Porém constataram que, ao comer a goroba, o sentido dessa palavra se modificou e que comer na goroba não era ruim.

Os alunos afirmaram que as conversas e comportamentos que eles mantêm fora do refeitório, também mantêm dentro dele e que o refeitório passou a ser um ambiente cotidiano onde eles estabelecem relações de amizade, estudo, profissionais e alguns destacaram que gostam de estar lá, conversando, esperando os outros comerem e etc.

Por fim os entrevistados disseram que a comida para eles é um objeto acrescido de muitos valores humanos, onde em uma simples refeição que eles fazem no refeitório, conseguem observar toda a história de personalidades, valores e idéias que são construídas nesse ambiente.

4. CONCLUSÃO

Nessa etapa do trabalho vamos discutir sobre pontos interessantes que identificamos nessa análise. O primeiro ponto é perceber que a comida do refeitório é alvo de uma ideologia, que a caracteriza de forma negativa, mas que porém, quando os alunos a experimentam, constatam o contrário, que ela é uma comida boa, semelhante a de muitos lares.

O outro ponto importante é que essa comida possui para todos os entrevistados um significado superior a toda a dificuldade, mau gosto ou desqualificação dita pelos alunos, que é o significado de alimentação gratuita, feita para a necessidade de quem verdadeiramente precisa e uma forma de identificação e afirmação enquanto estudante da instituição, uma vez que o refeitório é um espaço tradicional da escola que possibilita esse maior contato do aluno com a instituição.

Por fim chegamos a grande indagação: e o termo goroba? Ao observarmos a boa aceitação que a comida tem entre os alunos, apesar das mínimas exceções, temos que refletir o porquê dessa intitulação. Duas explicações nos levam a entender o sentido e a raiz desse termo. Primeiro, esse termo em geral se instala em locais onde a comida não possui pré-requisitos que façam os seus consumidores participantes ativos de sua formulação, ou seja, uma comida gratuita onde qualquer um têm o direito de usufruir ou não dela. Embora que em locais em que a comida é paga, ainda assim o cliente não possui grande participação em dizer o que vai comer, mas o fato de pagar pelo alimento, passa ao comprador uma idéia de que essa comida está do jeito que ele quer. Segundo, pode algum dia a comida ter refletido aquilo que ela intitula: uma goroba, ruim e mal feita, porém hoje o termo não condiz com a realidade dessa comida, mas perdura enquanto forma identificadora dela porque adquiriu novos significados, e hoje

simboliza as pessoas que possuem muitos compromissos dentro da instituição, que possuem o privilégio de comer gratuitamente e que se identificam como sendo participantes da comunidade *cefetiana*, de maneira plena.

Mas, no resultado final do trabalho, obtemos um apanhado diverso de opiniões que nos mostram os variados motivos e razões pelos quais pensamos. E hoje o refeitório consegue através da comida que lá é fornecida, alcançar seu principal objetivo: oferecer um suporte alimentar de boa qualidade para o aluno. E nas entrelinhas possibilita o acontecimento de várias relações sociais, interações e vivências em torno da comida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carneiro, Henrique. **A alimentação contemporânea: industrialização e *fast-foods***. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**. 4ª edição – Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2001.
- Filho, Alípio Souza. **Cultura, ideologia e representações**. In: Carvalho. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2003.
- Maciel, Maria Eunice. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho, 2004.
- Oliveira, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998. (cap. 1, pp. 17-35).
- Pro-posições – revista quadrimestral. Faculdade de Educação-Unicamp. V.14, n.2 (41) – maio/ago. 2003.

